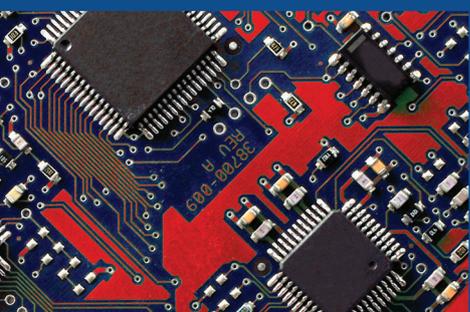


BOLETIM

CONJUNTURA INDUSTRIAL

DEZEMBRO 2010



BOLETIM

CONJUNTURA INDUSTRIAL

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI

Reginaldo Braga Arcuri

Presidente

Maria Luisa Campos Machado Leal

Diretora

Clayton Campanhola

Diretor

Carla Naves Ferreira

Gerente

Rogério Dias de Araújo

Coordenador

Supervisão

Maria Luisa Campos Machado Leal

Equipe Técnica

Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial - ABDI

Carla Naves Ferreira – *Gerente de Acompanhamento da PDP*

Rogério Dias de Araújo – *Coordenador Inteligência Competitiva*

Carlos Henrique de Mello Silva – *Técnico*

Cid Cunha da Silva – *Técnico*

Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas - IE/Unicamp

Mariano Francisco Laplane

Diretor

Núcleo de Economia Industrial e Tecnologia - NEIT/IE-Unicamp

Fernando Sarti – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT/IE-UNICAMP*

Célio Hiratuka – *Coordenador do Projeto ABDI/NEIT/IE-UNICAMP*

Adriana Marques da Cunha – *Coordenação Executiva*

Beatriz Freire Bertasso – *Coordenação de Informações*

Marcelo Loural – *Pesquisador Colaborador*

Samantha Cunha – *Pesquisadora Colaboradora*

APRESENTAÇÃO

A Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI), entidade vinculada ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) foi criada em dezembro de 2004 com a missão de promover a execução da Política Industrial do Brasil, em consonância com as políticas de Comércio Exterior e de Ciência e Tecnologia (Lei 11.080/2004).

O principal enfoque da ABDI está nos programas e projetos estabelecidos pela política industrial brasileira, atual Política de Desenvolvimento Produtivo (PDP). A agência, juntamente com o Ministério da Fazenda, da Ciência e Tecnologia e do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social, responde pela Secretaria Executiva da PDP.

Com a finalidade de acompanhar a evolução da indústria brasileira, a ABDI desenvolve um conjunto de estudos e pesquisas de inteligência industrial que orientam o seu trabalho e auxilia o Governo na definição e desenvolvimento de ações no âmbito da PDP.

Entre esses estudos e pesquisas, está o Boletim de Conjuntura Industrial, que disponibiliza informações e análises sobre a evolução da indústria brasileira, destacando os principais problemas a serem enfrentados e oportunidades para acelerar o seu desenvolvimento.

O Boletim de Conjuntura, com periodicidade trimestral, é feito em parceria com o Núcleo de Economia Industrial e Tecnologia (NEIT) do Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

Nesta edição, o Boletim destaca o movimento de desaceleração do crescimento econômico observado no terceiro trimestre de 2010. Os da-

dos indicam um movimento de acomodação da recuperação da produção industrial brasileira no período pós-crise, após um primeiro semestre de crescimento bastante acelerado.

O aumento das importações representa um fator de preocupação para indústria brasileira, já que pode significar uma tendência de substituição de produção local, com propensão a se acentuar caso persista a valorização cambial e o cenário adverso no mercado internacional. Entretanto, o aumento das importações ainda não parece comprometer as decisões de investimento dos agentes, uma vez que a Formação Bruta de Capital Fixo (FBKF) aumentou acima do crescimento verificado para o Produto Interno Bruto (PIB). No acumulado de 12 meses, até o terceiro trimestre de 2010, observou-se um crescimento em torno de 20%, enquanto o PIB cresceu 7,5%.

Além da análise da conjuntura econômica e industrial brasileira, o Boletim também traz alguns elementos para a discussão sobre o tema da “desindustrialização”. Até o momento não é possível afirmar que está havendo um processo de perda de importância sistêmica da indústria brasileira, uma vez que há vários sinais contraditórios. Se, por um lado, há um aumento significativo do aumento das importações, por outro, há também um substancial aumento no volume de investimentos anunciados, associado com expressivas contratações de mão-de-obra para indústria. A valorização cambial e o aumento excessivo das importações preocupam, mas podem se tornar críticos a partir do momento em que começarem a afetar de maneira negativa as decisões de investimento.

CONJUNTURA DA INDÚSTRIA NO TERCEIRO TRIMESTRE DE 2010

A economia e a indústria brasileira vivenciaram um movimento de desaceleração de seu crescimento no terceiro trimestre de 2010, seguindo o comportamento da demanda interna. Manteve-se, contudo, a recuperação da taxa de investimento. O comportamento do comércio externo brasileiro continua emitindo sinais preocupantes devido à persistência da forte expansão das importações e do encolhimento do saldo comercial. As perspectivas da economia e da indústria brasileira são de continuidade da desaceleração do crescimento no último trimestre de 2010, embora com expectativa de retomada do ritmo de expansão em 2011.

Os dados do Sistema de Contas Nacionais (SCN/IBGE) confirmaram a trajetória de desacele-

ração do crescimento da economia brasileira no terceiro trimestre de 2010. Destacou-se o tímido aumento do Produto Interno Bruto (PIB) a preços de mercado no terceiro trimestre comparado ao segundo trimestre de 2010 (0,5%), com ajuste sazonal. Observa-se claramente o movimento de desaceleração ao se comparar a expansão verificada no segundo (1,8%) e no primeiro trimestre (2,3%) em relação aos trimestres imediatamente anteriores (Tabela 1). O desempenho da economia brasileira manteve-se também positivo no terceiro trimestre de 2010 em relação ao mesmo trimestre de 2009 (6,7%), confirmando a expansão verificada nos dois trimestres anteriores. Cumpre lembrar, neste caso, a existência de um efeito estatístico relevante decorrente da

Tabela 1 - Taxa de Variação do PIB por Atividades e por Componentes da Demanda (II/2010 e III/2010) (em %)

	Taxa trimestral contra mesmo trimestre do ano anterior		Taxa trimestral contra trimestre imediatamente anterior(*)	
	II/2010	III/2010	II/2010	III/2010
Agropecuária	10,4	7,0	2,1	(1,5)
Indústria	14,1	8,3	2,0	(1,3)
Extrativa Mineral	16,6	16,6	-	-
Transformação	14,1	7,1	-	-
Construção Civil	16,6	9,6	-	-
Eletricidade, gás e água	10,0	8,0	-	-
Serviços	6,0	4,9	1,2	1,0
PIB a preço básico	8,5	5,9	1,7	0,3
PIB a preços de mercado	9,2	6,7	1,8	0,5
Despesa de consumo das famílias	6,4	5,9	0,9	1,6
Despesa de consumo da administração pública	5,6	4,1	1,9	0,0
Formação bruta de capital fixo	28,1	21,2	4,3	3,9
Exportação de bens e serviços	7,2	11,3	0,1	2,4
Importação de bens e serviços (-)	38,9	40,9	5,8	7,4

(*) Com ajuste sazonal.

Nota: Os dados incorporam a revisão da série histórica realizada e divulgada pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados analisados nos boletins de conjuntura industrial anteriores. Dados do 3º trimestre de 2010 são preliminares.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados do Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

consideração de uma depreciada base de comparação, influenciada pelos reflexos negativos da crise mundial concentrados em 2009. Por sua vez, o crescimento do PIB a preços de mercado alcançou o patamar de 7,5% no acumulado em 12 meses terminados em setembro de 2010, a maior taxa trimestral de crescimento acumulado da década de 2000.

A desaceleração da expansão de importantes componentes da demanda interna marcou o terceiro trimestre de 2010, afetando diretamente o desempenho da economia brasileira no período. Houve estagnação da despesa de consumo da administração pública e redução do crescimento da formação bruta de capital fixo (para 3,9%) na comparação com o segundo trimestre do ano corrente, levando-se em conta o ajuste sazonal (Tabela 1). Por outro lado, observou-se crescimento das importações (7,4%), que superou de forma incontestável o aumento verificado na despesa de consumo das famílias (1,6%).

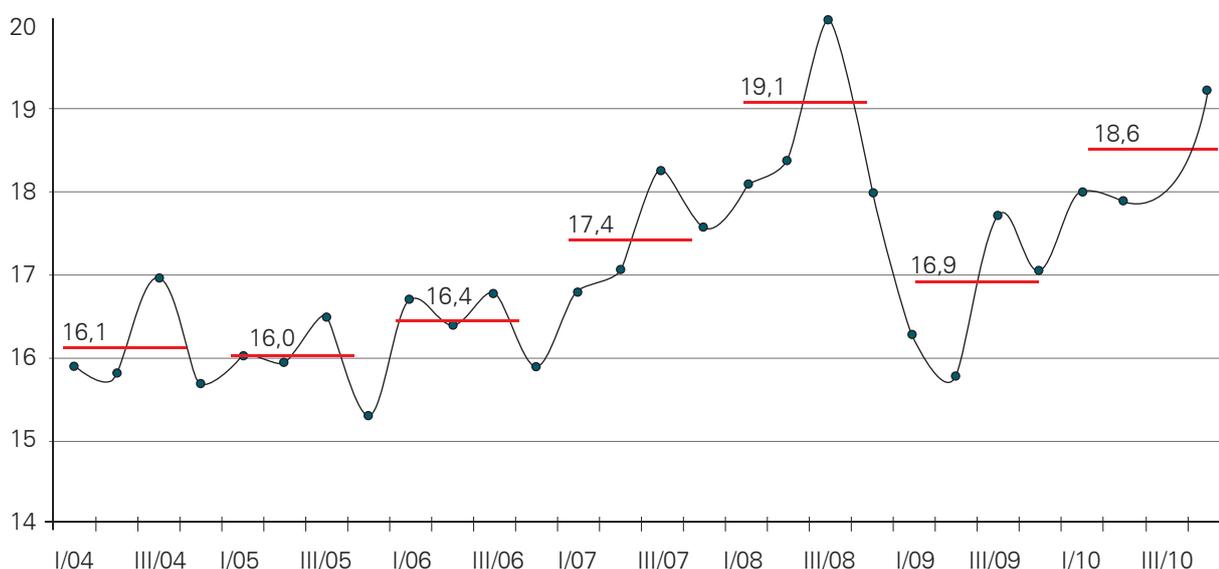
Na comparação de dados do terceiro trimestre do ano corrente com os do mesmo período do ano passado, observa-se também desaceleração do crescimento para grande parte dos componentes da demanda interna, com exceção das importações. Mesmo mantendo taxas trimestrais de expansão ainda bastante elevadas com relação aos valores claramente depreciados observados no ano passado, a formação bruta de ca-

pital fixo apresentou perda de dinamismo de seu crescimento ao longo dos três primeiros trimestres de 2010. Também se confirmou a desaceleração do crescimento do consumo das famílias na comparação com os mesmos trimestres do ano passado: de 6,4% no segundo para 5,9% no terceiro trimestre de 2010. O consumo da administração pública sofreu igualmente a redução de sua expansão de 5,6% no segundo trimestre para 4,1% no terceiro trimestre na comparação com os mesmos períodos do ano passado. O destaque ficou com as importações, que mantiveram níveis de crescimento bastante elevados nos três primeiros trimestres do ano corrente, chegando a superar o patamar de 40% de expansão no terceiro trimestre de 2010.

No acumulado em 12 meses terminados em setembro de 2010, destacaram-se as importações e a formação bruta de capital fixo dentre os principais componentes da demanda, com taxas de crescimento de 29,4% e 20,2% respectivamente (SCN/IBGE).

A demanda externa, representada pelo comportamento das exportações, tem mantido uma contribuição positiva para o crescimento da economia brasileira no ano de 2010. Constatou-se pequena aceleração do crescimento das exportações ao se comparar o segundo e o terceiro trimestres com os trimestres imediatamente anteriores, considerando-se o ajuste sazonal (de 0,1%

Gráfico 1 - Evolução da Taxa de Investimento
(I/2004 a III/2010) (em %)



para 2,4%). Igual comportamento foi observado ao se cotejar os dados do segundo e do terceiro trimestres de 2010 com os dos mesmos períodos de 2009 (de 7,2% para 11,3%). Confirmou-se, todavia, a urgência de uma atenção especial com o comportamento das vendas externas brasileiras, que têm mantido um ritmo de crescimento bastante inferior ao das importações, estimuladas pelo dinamismo da demanda interna e pela apreciação cambial.

No que diz respeito à taxa de investimento (FBCF/PIB), constatou-se expansão no terceiro trimestre de 2010 para o nível de 19,4% depois de ter atingido 18,2% no primeiro e no segundo trimestre (Gráfico 1). A taxa média de investimento dos três primeiros trimestres de 2010 (18,6%) superou a média calculada para todos os anos do período 2004-2007. O patamar atingido pela taxa de investimento no último trimestre analisado superou inclusive a média de 19,1% alcançada no ano de maior crescimento pré-crise (2008). Torna-se evidente que a taxa de investimento tem se recuperado gradativamente ao longo do ano corrente. Sua trajetória tem sido especialmente influenciada pelo comportamento da formação bruta de capital fixo, que logrou crescer bem acima do PIB nos três primeiros trimestres de 2010 comparados a igual período de 2009. Mantém-

se, portanto, a perspectiva de seu crescimento nos próximos trimestres, acompanhando o comportamento virtuoso do consumo interno e dos esforços de investimento por parte do setor público e privado.

Do ponto de vista da oferta, a agropecuária e a indústria apresentaram um comportamento marginal descendente, embora em níveis reduzidos, seguindo a desaceleração gradativa de seu crescimento nos dois primeiros trimestres do ano. A recuperação das atividades agropecuária e industrial no período pós-crise parece ter sido temporariamente interrompida. Também se observou a desaceleração do crescimento da atividade de serviços no terceiro trimestre com relação ao segundo trimestre do ano (para 1,0%).

Comparando os dados das distintas atividades econômicas no segundo e no terceiro trimestres de 2010 com relação aos mesmos períodos de 2009, constata-se a generalização da desaceleração do crescimento, com destaque para a indústria de transformação e a construção civil, que apresentaram expressiva contração de suas taxas de crescimento do segundo para o terceiro trimestre do ano corrente na comparação com iguais períodos do ano passado (Tabela 1). A extrativa mineral certamente se destacou no terceiro trimestre de 2010, mantendo o crescimen-

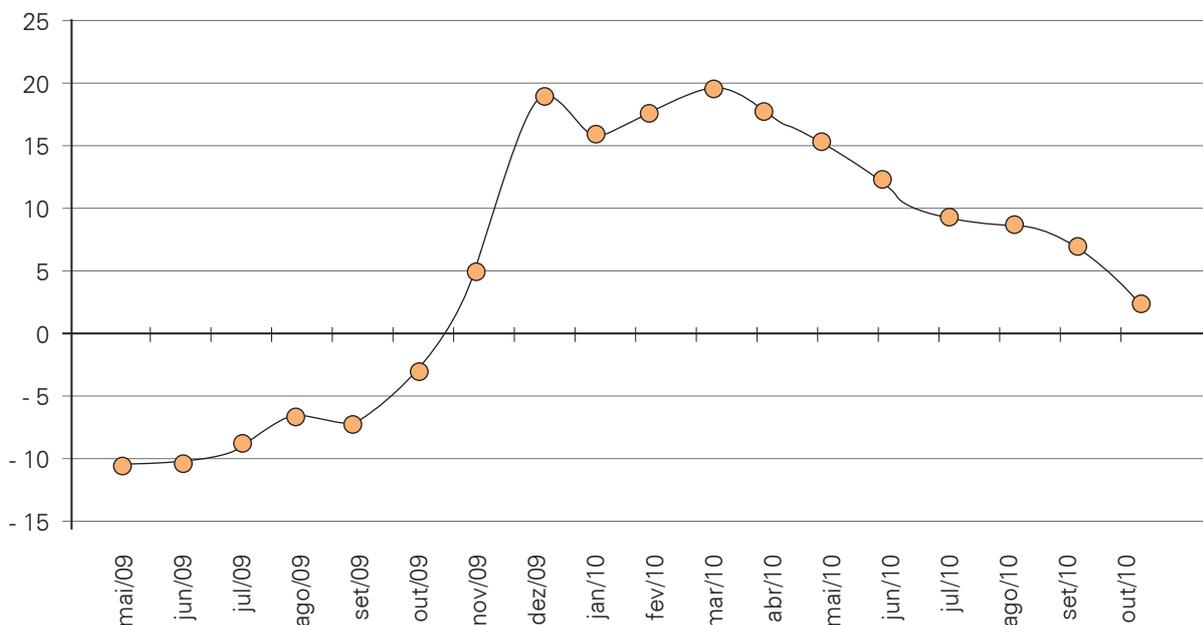
Tabela 2 - Taxa de Variação da Produção Industrial Brasileira (I/2009 a III/2010) (em %)

Atividades	I 2009	II 2009	III 2009	IV 2009	I 2010	II 2010	III 2010
Taxa de variação trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior							
Indústria Geral	(14,6)	(12,3)	(8,2)	5,9	18,2	14,3	7,9
Indústria Extrativa	(15,8)	(11,7)	(9,9)	3,0	18,9	14,0	11,4
Indústria de Transformação	(14,5)	(12,3)	(8,1)	6,0	18,2	14,3	7,7
Taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)							
Indústria Geral	(6,7)	4,0	5,2	4,1	3,0	1,2	(0,4)
Indústria Extrativa	(8,2)	5,3	4,6	2,6	4,1	2,1	2,4
Indústria de Transformação	(5,9)	3,3	4,9	4,4	3,4	0,7	(0,9)
Taxa de variação acumulada nos últimos quatro trimestres							
Indústria Geral	(1,9)	(6,5)	(10,2)	(7,4)	(0,3)	6,5	11,2
Indústria Extrativa	(1,8)	(6,2)	(10,9)	(8,8)	(1,1)	5,4	11,6
Indústria de Transformação	(1,9)	(6,5)	(10,2)	(7,3)	(0,2)	6,5	11,2

Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

Gráfico 2 - Taxa de Variação Mensal da Produção Industrial Brasileira
(em relação ao mesmo mês do ano anterior –
maí/2009 a out/2010) (em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

to de 16,6% em relação ao mesmo período de 2009. Como resultado, a indústria brasileira também presenciou a desaceleração de seu crescimento no terceiro trimestre do ano (para 8,3%), claramente influenciada pelo comportamento da indústria de transformação no mesmo período. Cabe ressaltar, porém, que a indústria brasileira conseguiu manter um significativo crescimento no acumulado de 12 meses findos em setembro de 2010 (10,2%).

A desaceleração do crescimento industrial brasileiro confirma-se no terceiro trimestre do ano corrente do ponto de vista da produção física. Com base nos dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE), observa-se um aumento da produção na indústria de transformação, na extrativa e, portanto, na indústria geral no terceiro trimestre de 2010 em relação a igual trimestre de 2009 (Tabela 2).

Além disso, percebe-se uma reversão do desempenho positivo da produção da indústria de transformação e da indústria geral no terceiro trimestre de 2010 em comparação ao trimestre imediatamente anterior, com ajuste sazonal: a produção da indústria de transformação sofreu queda de 0,9% e a da indústria geral 0,4%, enquanto somente a indústria extrativa conseguiu

expandir sua produção no mesmo período (Tabela 2). No acumulado de 12 meses terminados em setembro de 2010, as taxas de variação da produção industrial apresentaram valores positivos e em patamares ainda elevados: 11,2% para a indústria de transformação e para a indústria geral e 11,6% para a indústria extrativa (Tabela 2).

Detalhando o desempenho mensal da produção física da indústria brasileira no período de recuperação pós-crise mundial, na comparação com os mesmos meses dos anos anteriores, observa-se uma clara tendência de suavização de sua redução a partir de maio de 2009 (Gráfico 2). Sucessivas taxas de variação mensais positivas podem ser observadas a partir do mês de novembro do ano passado, com picos de crescimento localizados em dezembro de 2009 (19,0%) e em março de 2010 (20,1%). A depreciada base de comparação do final de 2008 e início de 2009, marcada pela concentração dos efeitos negativos da crise mundial sobre a indústria brasileira, contribuiu para inflacionar as taxas elevadas de crescimento da produção industrial observadas nos meses citados. Contudo, não se pode deixar de notar a importância da recuperação da produção industrial ao longo dos primeiros meses de 2010, que acabou perdendo ímpeto nos meses

iniciais da segunda metade do ano corrente. O movimento recente tem sido de desaceleração contínua do crescimento mensal da produção industrial brasileira a partir de abril, atingindo uma taxa de variação bastante tímida em outubro de 2010 com relação ao mesmo mês de 2009 (2,1%). Portanto, os dados mensais, corroborados pelo último dado disponível de outubro, permitem detalhar a comentada perda de dinamismo da produção industrial brasileira, principalmente nos primeiros meses da segunda metade de 2010.

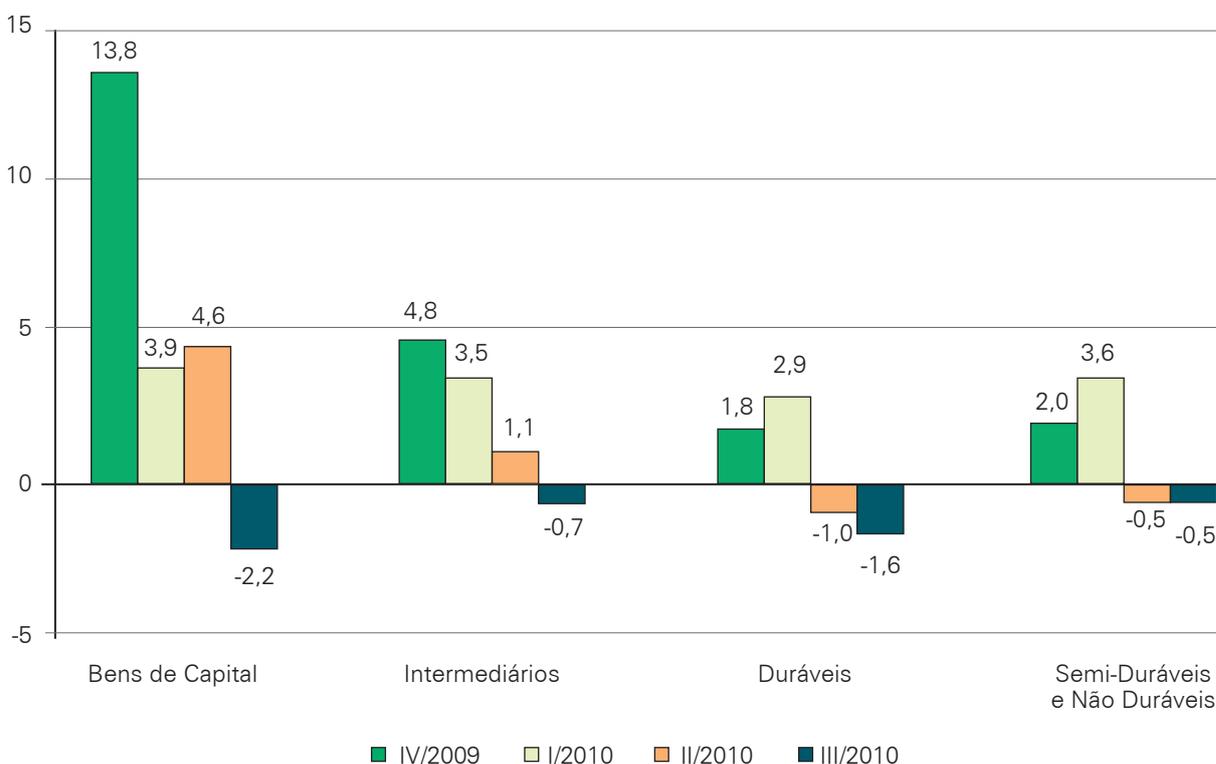
A análise de dados de produção industrial por categorias de uso revela a generalização de sua redução no terceiro trimestre comparado ao segundo trimestre de 2010 (Gráfico 3).

O setor de bens de capital foi o mais afetado pela queda da produção industrial no terceiro trimestre comparado ao segundo trimestre do ano corrente (-2,2%). Havia se destacado a vigorosa elevação da produção de bens de capital no último trimestre em relação ao terceiro trimestre do ano passado (13,8%), seguida pela desaceleração

do crescimento no primeiro (3,9%) e no segundo (4,6%) trimestres do ano corrente comparados aos trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal. Este movimento de recuperação sofreu reversão no terceiro trimestre, quando os bens de capital sentiram de forma mais contundente a perda de dinamismo da indústria brasileira. Cabe notar, todavia, que os bens de capital conseguiram manter elevadas taxas mensais de crescimento de sua produção, em relação aos mesmos meses dos anos anteriores, desde dezembro do ano passado, confirmando sua forte recuperação pós-crise mundial – crescimento médio mensal de 26,4% de dezembro de 2009 a setembro de 2010. Em outubro do ano corrente, percebe-se uma importante desaceleração da elevação da produção de bens de capital na comparação com o mesmo mês do ano passado (para 6,0%).

O crescimento da produção de bens intermediários apresentou tendência de desaceleração desde o primeiro trimestre do ano corrente. As taxas de crescimento nos dois primeiros trimes-

Gráfico 3 - Evolução da Produção Industrial por Categorias de Uso
(taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior – IV/2009 a III/2010) (em%)



Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados da PIM-PF/IBGE.

tres de 2010 comparados aos trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal, foram de 3,5% e 1,1%, respectivamente. A reversão desse comportamento positivo também pode ser observada no caso da produção física de bens intermediários no terceiro trimestre com relação ao segundo trimestre de 2010, com ajuste sazonal (-0,7%). Assim como observado para os bens de capital, os bens intermediários apresentaram taxas mensais de crescimento da produção positivas e elevadas desde dezembro do ano passado, quando comparadas aos mesmos meses dos anos anteriores, e também sofreram a desaceleração do crescimento em outubro de 2010 com relação a outubro de 2009 (para 3,2%). Cabe lembrar que a produção brasileira de bens intermediários, com significativa inserção externa, deixou transparecer a forte queda da demanda mundial no período imediatamente posterior à eclosão da crise, porém conseguiu aproveitar a retomada da demanda chinesa por insumos básicos e produtos primários, que contribuiu para desacelerar a redução da demanda externa em período mais recente. Além disso, sentiu os efeitos da recuperação dos setores demandantes de bens intermediários no mercado interno, mormente o setor de duráveis. Recentemente, a produção de bens intermediários também tem refletido a desaceleração da recuperação da indústria brasileira.

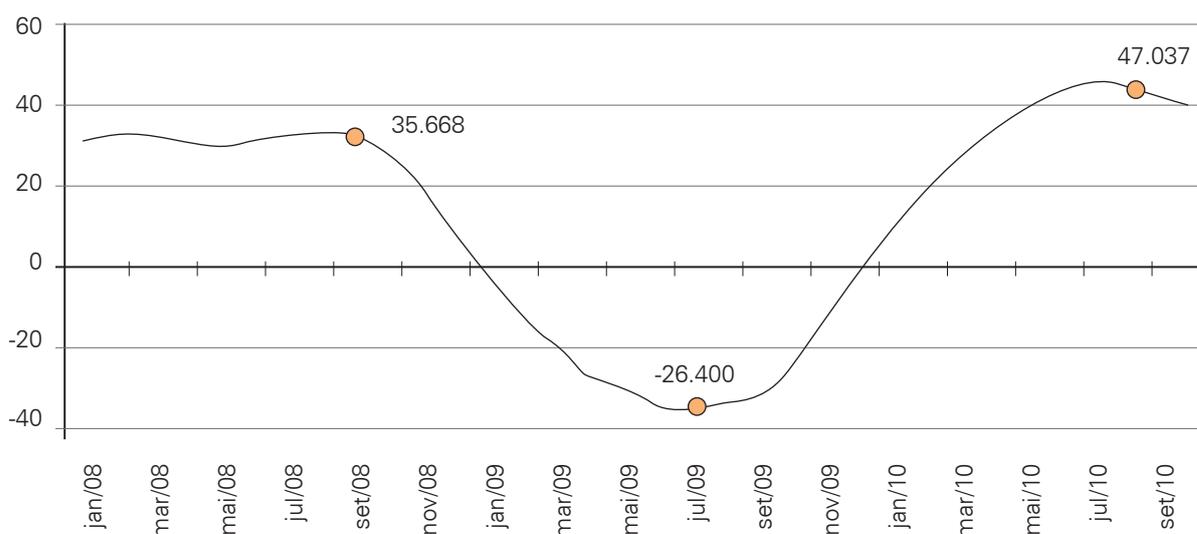
Os bens de consumo duráveis vivenciaram queda de sua produção física no segundo e no terceiro trimestres de 2010 com relação aos trimestres imediatamente anteriores, considerando o ajuste sazonal (Gráfico 3). Este encolhimento da produção de bens duráveis substituiu o período de sua recuperação no âmbito da política de desoneração fiscal adotada pelo governo brasileiro para estimular a produção dos setores automotivo e de eletrodomésticos de linha branca. A produção física de bens duráveis havia presenciado expansão bastante expressiva no segundo (11,7%) e no terceiro trimestres (9,9%) do ano passado em relação aos trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal. No entanto, passou por um período de desaceleração do crescimento no último trimestre de 2009 (1,8%) com reduzida elevação no primeiro trimestre de 2010 (2,9%), chegando, finalmente, a enfrentar contração no segundo (-1,0%) e no terceiro (-1,6%) trimestres do ano corrente na comparação com os trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal. O processo de redução gradativa e o

fim da desoneração do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) destinada aos setores automotivo e de eletrodomésticos de linha branca contribuíram para o comportamento analisado. O que certamente diferenciou o desempenho da produção física de bens de consumo duráveis, comparado às demais categorias de uso foi a precocidade de sua contração, que começou no segundo trimestre de 2010. A taxa mensal de variação da produção de bens duráveis de outubro do ano corrente com relação ao mesmo mês do ano passado (-4,9%) confirma a tendência de contração analisada para o terceiro trimestre.

Os bens de consumo semiduráveis e não-duráveis, considerando sua restrita dependência do crédito ao consumo, não sofreram os efeitos da crise mundial de forma tão intensa quanto as demais categorias de uso. Sustentaram taxas positivas de crescimento da produção, mesmo em níveis mais reduzidos, desde o segundo trimestre do ano passado, na comparação com os trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal. Cumpre notar uma ligeira contração da produção de semiduráveis e não-duráveis no segundo (-0,5%) e no terceiro (-0,5%) trimestres em relação aos trimestres anteriores, seguindo a tendência de perda de dinamismo da produção física observada, em geral, para os demais setores industriais brasileiros (Gráfico 3).

A análise do desempenho da produção física por atividade industrial no terceiro trimestre de 2010 com relação ao mesmo período de 2009 permite afirmar a sustentação de seu crescimento, embora com evidente desaceleração. Isto porque as taxas de variação da produção foram positivas para 22 dos 27 setores incluídos na pesquisa do IBGE (PIM-PF), apesar de inferiores àquelas observadas no segundo trimestre do ano corrente comparado a igual período do ano passado (com a exceção de apenas dois setores industriais). Algumas atividades industriais destacaram-se por suas taxas de crescimento significativas no terceiro trimestre de 2010, como equipamentos de instrumentação médico-hospitalar (32,8%); veículos automotores (24,5%); madeira (20,8%); máquinas e equipamentos (16,2%); produtos de metal (exclusive máquinas e equipamentos) (15,1%), e metalurgia básica (11,0%). Dentre os setores líderes citados, somente os equipamentos de instrumentação médico-hospitalar conseguiram apresentar uma aceleração do crescimento no terceiro trimestre do ano corrente.

Gráfico 4 - Média Móvel da Contratação Líquida da Indústria
(jan/2008 a out/2010) (em milhares)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do CAGED/MTE.

Considerando a taxa de crescimento acumulado nos quatro trimestres terminados em setembro de 2010, pode-se indicar a continuidade da recuperação de alguns setores industriais, como veículos automotores (28,9%); máquinas e equipamentos (24,3%); produtos de metal (excetuando máquinas e equipamentos) (21,3%); e metalurgia básica (18,3%); e borracha e plástico (16,4%). Na composição da taxa de crescimento da indústria brasileira observada no período de janeiro a setembro de 2010 (13,1%), houve destaque individual para os veículos automotores (2,8%); para máquinas e equipamentos (2,0%) e para metalurgia (1,2%). Como salientado em boletins anteriores, alguns desses setores, integrantes das categorias de bens de capital ou de bens de consumo duráveis, conseguiram reaver sua posição de liderança do crescimento industrial no período de recuperação pós-crise.

Os dados mensais de outubro de 2010 comparados aos de outubro de 2009 revelam a contração ou a desaceleração do crescimento da produção física na maioria das atividades industriais (em 22 dos 27 setores incluídos na PIM-PF/IBGE). Isto confirma a deterioração marginal do comportamento da produção da indústria brasileira destacada anteriormente.

A desaceleração na produção física tem sido acompanhada pela estabilização nos índices de emprego da indústria. Dados da PIMES/IBGE mostram que o índice de pessoal ocupado com ajuste

sazonal está praticamente estacionado desde julho de 2010, depois de um movimento importante de recuperação iniciado em abril de 2009.

Também segundo os dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados do Ministério do Trabalho e do Emprego (CAGED/MTE), o crescimento das contratações formais da indústria está desacelerando. Os dados revelam, no entanto, que o volume de contratações continua em patamar bastante elevado. A análise da média móvel de 12 meses das contratações líquidas de janeiro de 2008 a outubro de 2010 mostra que a trajetória ascendente das contratações começou em julho de 2009, persistindo até agosto de 2010, quando a média de contratações líquidas chegou a 47 mil pessoas/mês ante o patamar de cerca de 35 mil verificado no período pré-crise (Gráfico 4).

A reversão da alta do nível de emprego, verificada nos meses de setembro e outubro de 2010, ainda se dá em patamares bastante elevados e pode decorrer de uma simples acomodação da economia. Na verdade, a crise e mesmo as políticas fiscais e monetárias que limitaram o seu impacto na economia local, que têm sido removidas pouco a pouco, constituíram choques que romperam com a composição da demanda prévia e, portanto, com o próprio padrão sazonal da geração de emprego.

Comumente, o pico de contratações da indústria se dá no mês de setembro de cada ano e então elas começam a refluir, retomando gradativamente

te no ano seguinte. Em 2008, o emprego seguia essa trajetória, mas a crise acentuou fortemente as demissões em outubro. As contratações líquidas positivas só voltaram em abril de 2009. O primeiro semestre de 2010, por sua vez, começou com contratações muito altas, sendo razoável esperar uma acomodação no final deste e de 2011. Em outras palavras, a sazonalidade foi rompida e deve se recompor somente em meados de 2011, quando os números tanto da crise quanto da recuperação já tiverem se materializado.

Quanto aos dados de comércio exterior, uma primeira observação importante é que as exportações voltaram a apresentar uma trajetória de crescimento significativo, em especial no período de fevereiro a agosto de 2010 (Gráfico 5). No entanto, os dados de setembro e outubro voltaram a apresentar uma tendência à estagnação, que, no entanto, pode ser simplesmente uma interrupção temporária no movimento mais geral de recuperação. Considerando os dados trimestrais, o terceiro trimestre registrou uma elevação de 11,6% em relação ao segundo trimestre de 2010 e 33,3% em relação ao mesmo período de 2009. No acumulado do ano até outubro, o resultado de 2010 foi 19,4% superior ao de 2009, porém ainda 3,6% menor do que o verificado no mesmo período de 2008 (Tabela 3).

Por sua vez, as importações vêm mostrando uma tendência praticamente contínua de aumento desde o início de 2009 – com crescimento muito superior ao das exportações em 2010. Considerando o acumulado do ano até outubro, a taxa de crescimento das importações foi de 44% em relação ao mesmo período de 2009. Em relação a 2008, o valor importado foi praticamente o mesmo. A taxa de crescimento das importações foi de 18,4% no terceiro trimestre em relação ao segundo trimestre de 2010.

É importante observar que, enquanto o crescimento das exportações tem sido influenciado principalmente pela recuperação dos preços dos produtos exportados, as importações têm se elevado basicamente pelo aumento do quantum importado. O índice de quantum das importações tem mostrado uma tendência ascendente muito mais vigorosa do que a verificada para as exportações (Gráfico 6).

Por outro lado, os índices de preço das importações, depois da queda verificada após a crise internacional, vêm apresentando um crescimento bastante lento, mantendo-se ainda muito abaixo do nível observado antes do início da crise mundial (Gráfico 7). O índice de preço das exportações, por sua vez, teve uma forte recuperação, aproximando-se de maneira rápida dos níveis pré-crise.

Gráfico 5 - Exportações e Importações Mensais
(jan/2008 a out/2010) (em US\$ bilhões)

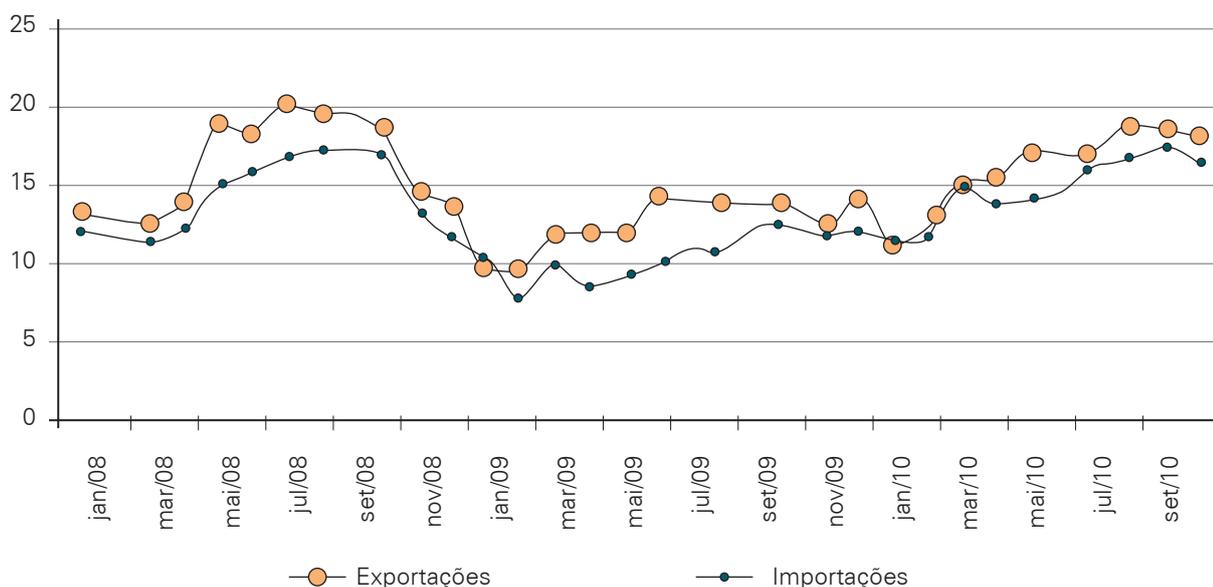
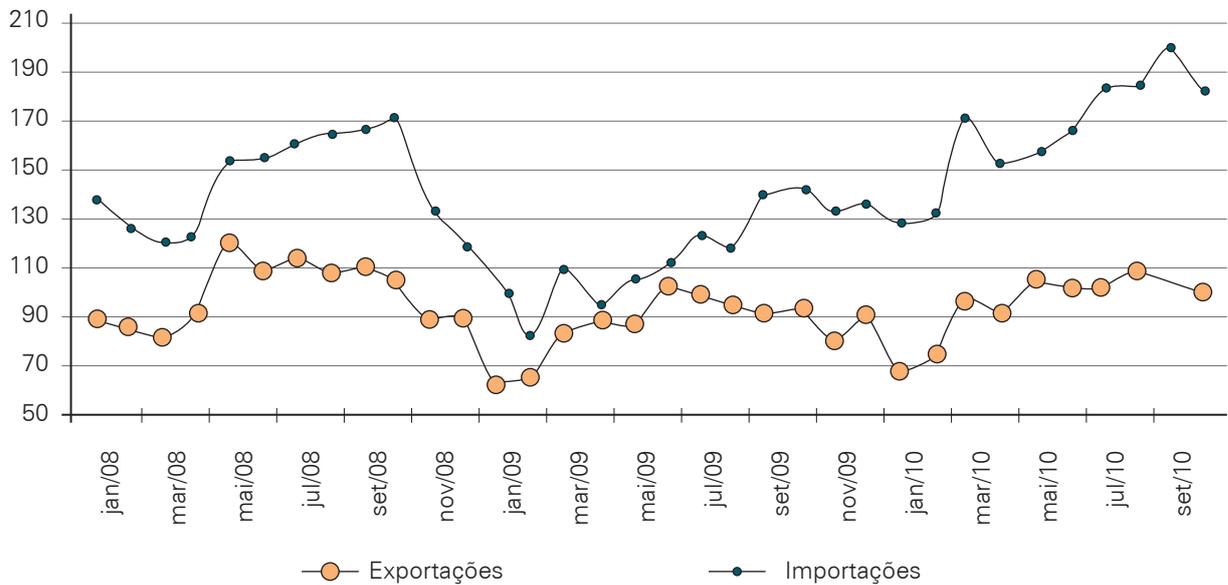


Gráfico 6 - Índices de Quantum das Exportações e das Importações (jan/2008 a out/2010)
(base média 2006 = 100)

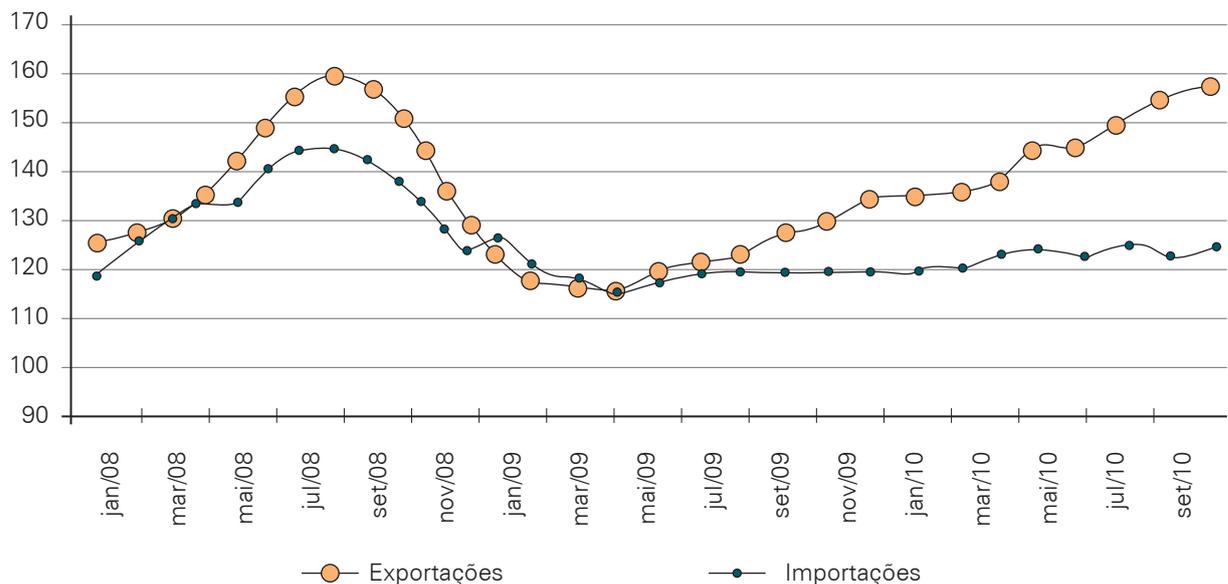


Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Funcex.

No caso das exportações, esse comportamento foi influenciado pela rápida recuperação dos preços e das quantidades exportadas de produtos Básicos e Semimanufaturados, impulsionados pela vigorosa recuperação da demanda

chinesa. Considerando o acumulado até outubro, as vendas externas de produtos Básicos tiveram elevação de 26,2% em relação ao mesmo período de 2009 (Tabela 3). Mesmo em relação a 2008, o total exportado em 2010 foi 15,6% maior. Os Se-

Gráfico 7 - Índices de Preços das Exportações e das Importações (jan/2008 a out/2010)
(base média 2006 = 100)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Funcex.

Tabela 3 - Taxas de Crescimento das Exportações por Fator Agregado e das Importações por Categoria de Uso (em %)

Fluxo	Categoria	III-2010/ II-2010	III-2010/ III-2009	Jan-Out 2010/ Jan-Out 2009	Jan-Out 2010/ Jan-Out 2008
Exportações	Total	11,6	33,3	19,4	-3,6
	Básicos	12,2	44,8	26,2	15,6
	Semimanufaturados	10,4	37,1	30,8	-3,9
	Manufaturados	11,1	20,5	8,9	-17,7
Importações	Total	18,4	47,3	44,0	0,1
	Bens de Capital	33,0	66,1	36,5	15,7
	Intermediários	17,8	42,6	42,5	-3,0
	Consumo Duráveis	16,1	50,6	56,4	40,7
	Consumo Não Duráveis	15,8	40,2	32,4	27,4
	Combustíveis	6,8	46,5	64,6	-20,7

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da Secex.

mimanufaturados tiveram aumento de 30,8% em relação a 2009, mas ainda estão em um patamar 3,9% abaixo do verificado em 2008. Os Manufaturados experimentaram um aumento de 8,9% em relação a 2009, mas ainda acumulam queda de 17,7% em relação ao mesmo período de 2008. O crescimento marginal aponta para uma tendência mais parecida entre os três grupos, como mostra a comparação das taxas entre o terceiro e o segundo trimestres de 2010 (Tabela 3).

No caso das importações, as categorias mais diretamente ligadas à demanda final interna tiveram um crescimento expressivo, mesmo quando comparado a 2008. Os bens de capital apresentaram crescimento de 36,5% em relação ao mesmo período de 2009 e de 15,7% em relação a 2008. Esse fato pode ser considerado um elemento positivo, pois indica que o processo de retomada de investimentos vem apresentando continuidade. No entanto, chama atenção o crescimento dos bens de consumo. O volume de importações de bens de consumo duráveis acumulado em 2010 foi 56,4% maior do que no mesmo período de 2009. Em relação a 2008, o aumento foi de 40,7%. No caso dos bens de consumo não-duráveis, os mesmos números apontam para 32,4% e 27,4%, respectivamente. Além do fator câmbio, esses dados refletem o acirramento nas condições de competição internacional no período pós-crise, fazendo com que parte da produção antes absorvida pelos países centrais esteja sendo "empurrada" para países que ainda conseguem manter demanda relativamente aquecida. Muitas vezes,

esse movimento de rearranjo para escoar a produção global, de países de demanda estagnada para países de demanda crescente, ocorre por esquemas de comércio intra-firma.

Os bens intermediários e os combustíveis, por sua vez, apesar de apresentarem uma taxa de crescimento elevada em relação a 2009, ainda estão abaixo dos níveis observados em 2008, acompanhando mais de perto o ritmo interno da produção industrial.

Em suma, os dados de produção e emprego industrial do terceiro trimestre do ano corrente revelam a desaceleração do crescimento da indústria brasileira. Estes movimentos indicam uma acomodação da recuperação da produção industrial brasileira no período pós-crise, depois de um primeiro semestre de crescimento bastante acelerado. O aumento do ritmo das importações, em especial de bens de consumo, é um fator de preocupação, pois pode significar uma tendência de substituição de produção local com propensão a se acentuar, caso persista a valorização cambial e o cenário adverso no mercado internacional. Entretanto, ao menos por enquanto, o aumento das importações ainda não parece comprometer as decisões de investimento dos agentes, uma vez que esta variável continua dando sinais robustos de crescimento. Nos próximos meses é fundamental continuar a monitorar a evolução dessa variável, uma vez que ela pode dar pistas importantes sobre o cenário futuro de crescimento da economia brasileira.

NOTAS SOBRE AS EVIDÊNCIAS DE DESINDUSTRIALIZAÇÃO NO BRASIL NO PERÍODO RECENTE

O debate sobre a existência e profundidade de um processo de desindustrialização na economia brasileira, anteriormente mais restrito aos meios acadêmicos, vem ganhando espaço crescente na mídia nos últimos meses. As visões, interesses e motivações dentro desse debate são de matizes diversos.

Em um extremo, estão aqueles que defendem uma estrutura produtiva mais enxuta e especializada e que identificam na maior exposição à competição externa e mobilidade do capital produtivo e financeiro os fatores necessários e suficientes para a configuração de uma estrutura produtiva com setores competitivos. Neste caso, um padrão de especialização produtiva e de inserção comercial em setores intensivos em recursos naturais refletiria uma alocação mais eficiente dos fatores produtivos e as vantagens comparativas da estrutura produtiva brasileira.

Do outro lado, estão os que identificam no desenvolvimento industrial um dos principais vetores de crescimento econômico nos países em desenvolvimento, em razão da atividade industrial ter maior capacidade de gerar economias de escala dinâmicas, além de produzir efeitos de encadeamento e externalidades sobre os demais setores da economia. Esse diferencial estaria presente mesmo dentro da própria indústria, com os setores mais intensivos em tecnologia e conhecimento tendo maior potencial de gerar impactos positivos do que os demais. Dessa forma, a desindustrialização seria um fator negativo, e identificado não apenas com a perda de importância relativa da indústria no PIB e no emprego total, mas também a partir de mudanças na estrutura de exportação e produção dentro da indústria, em particular pela maior participação de setores mais intensivos em recursos naturais e com menor capacidade de encadeamentos produtivos e tecnológicos vis-à-vis setores mais intensivos em capital, conhecimento e tecnologia.

No período mais recente, a persistente valo-

rização cambial da moeda doméstica e as condições favoráveis de demanda e de preços para a produção e exportação de commodities agrícolas, metálicas e minerais, somadas às vantagens competitivas já existentes, estariam agravando o quadro de desindustrialização. A elevada competitividade desses setores permitiria a geração de expressivos superávits comerciais que, combinados com a entrada de fluxos de capitais na conta financeira, reforçariam a apreciação da moeda doméstica, expondo os demais setores industriais menos competitivos à concorrência externa.

Este documento busca problematizar esse debate, argumentando que, em grande parte, a polarização sobre a existência e profundidade de um processo de desindustrialização na economia brasileira no período recente está relacionada aos sinais contraditórios observados nos indicadores mais tradicionais utilizados para analisar essa questão.

Observando-se em primeiro lugar os dados de comércio, considerando a classificação por fator agregado, é bastante visível o aumento da participação de não manufaturados na pauta brasileira. No ano 2000, os manufaturados chegaram a representar 59,0% do total exportado pelo Brasil, contra 22,8% de produtos primários e 15,4% de produtos semimanufaturados. Em 2008, a participação de produtos primários tinha aumentado para 36,9% do total, enquanto os semimanufaturados tinham atingido 13,7% e os manufaturados 46,8%. Em 2009, com os efeitos da crise internacional atingindo mais diretamente os países centrais e com a rápida recuperação da demanda chinesa por produtos primários, estes atingiram 40,5% do total, contra 13,4% de semimanufaturados e 44% de manufaturados.

Utilizando a classificação por intensidade tecnológica da OCDE, também é possível observar a perda de importância relativa dos produtos classificados como produtos industriais na pauta de exportação, como também, dentro dos produtos industriais, a perda de importância relativa de

produtos de alta e média-alta intensidade tecnológica. Essa tendência é mais acentuada a partir de meados da presente década, quando as quantidades e os preços internacionais das commodities começam a refletir de maneira mais efetiva a demanda chinesa (Gráfico 1).

Entretanto, talvez seja mais adequado analisar os dados de participação relativa da indústria não apenas nas exportações, mas também dentro da estrutura produtiva da economia. Considerando tanto a indústria geral (incluindo os serviços de utilidade pública, construção civil e extrativa mineral) como a indústria de transformação, observa-se uma tendência diferente conforme a variável utilizada. Se for utilizada a participação relativa no Valor Adicionado (a preço básico), observa-se uma tendência de aumento até 2004, para então voltar a cair, quando se considera tanto a indús-

tria em geral quanto a indústria de transformação (Gráfico 2). Essa queda é mais acentuada na indústria de transformação, com uma redução de 19,2% em 2004 para 16,6% em 2008.

Mas quando se busca medir o processo de desindustrialização a partir da participação da indústria no total do emprego, observa-se que, em especial a partir de 2004, ocorreu um aumento na participação relativa tanto da indústria em geral quanto da indústria de transformação.

Da mesma forma, quando se observa a participação dos diferentes setores dentro da indústria de transformação, a evolução depende da classificação utilizada para agregar aqueles com maior conteúdo tecnológico. Se for utilizada a classificação da OCDE, é possível observar pelo Gráfico 3, uma queda de participação dos setores mais intensivos em tecnologia entre 1996 e 2005, com

Gráfico 1 - Evolução da Participação de Produtos de Alta e Média-Alta e Baixa e Média-Baixa Tecnologia no Total das Exportações Brasileiras (2000 a 2009) (em %)

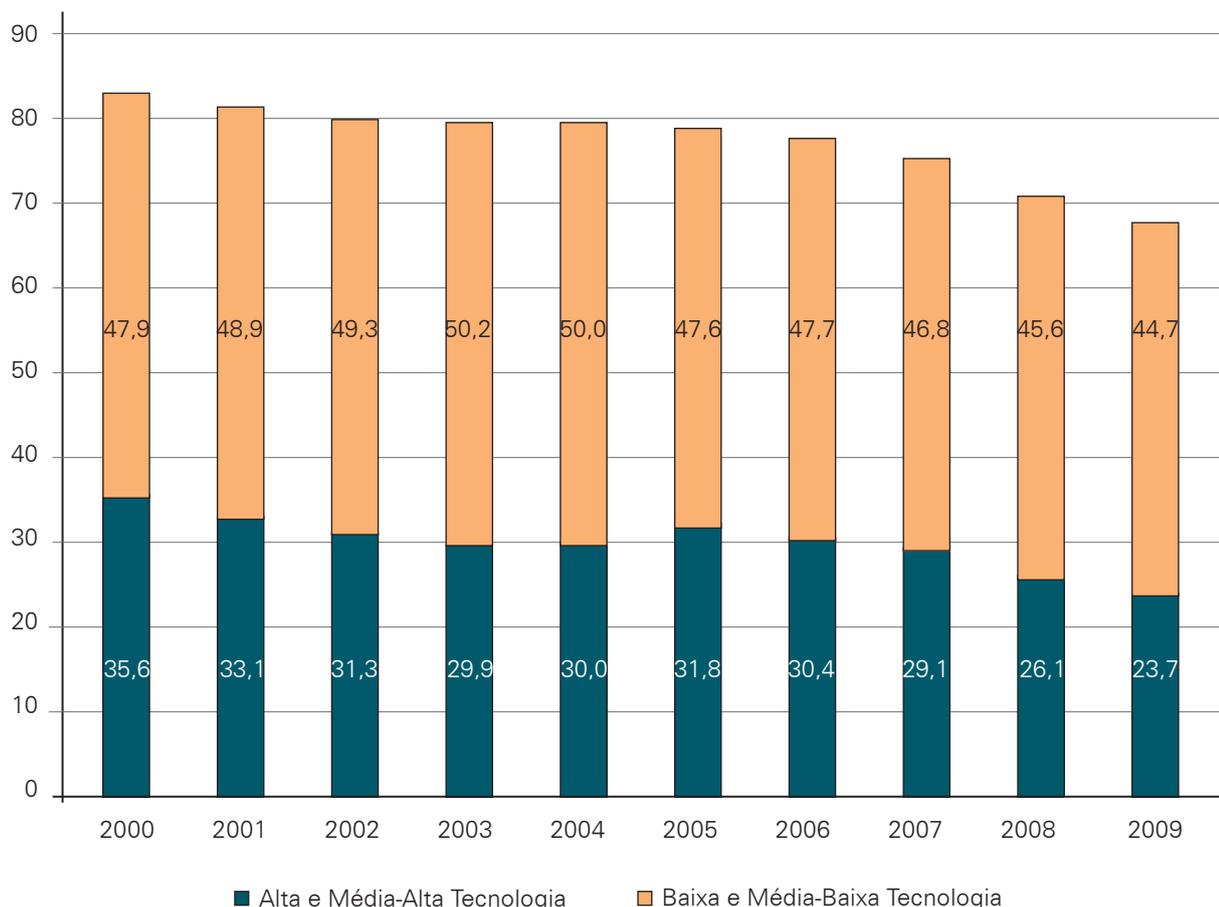
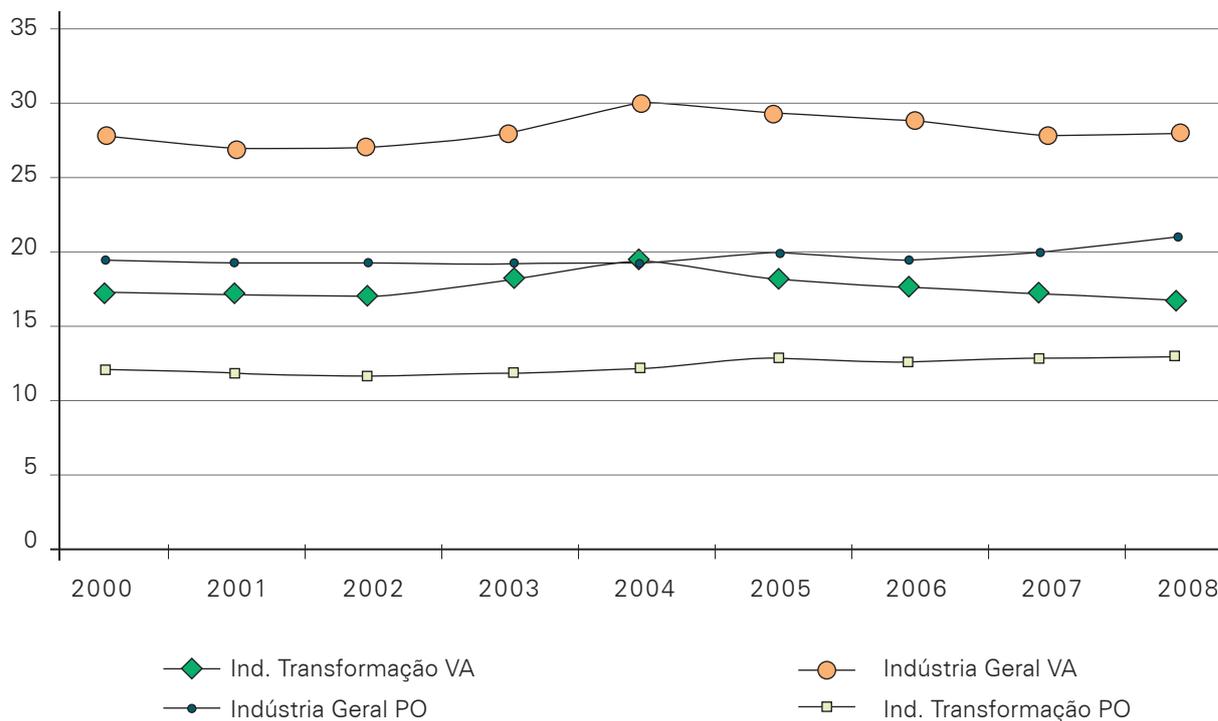


Gráfico 2 - Evolução da Participação da Indústria Total e da Indústria de Transformação no Valor Adicionado e no Pessoal Ocupado da Economia (2000 a 2008) (em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados das Contas Nacionais/IBGE.

alguns sinais de reversão a partir de 2006¹.

Porém, se o critério de intensidade tecnológica utilizado não for o padrão internacional, mas sim um padrão doméstico que classifique os setores pelo real nível de intensidade da indústria brasileira, medida pelos gastos de P&D sobre Receita Líquida setorial obtida na Pesquisa de Inovação Tecnológica (PINTEC) de 2005², os resultados são bastante diferentes.

Em primeiro lugar, o patamar dos setores considerados em cada grupo muda substancial-

mente de acordo com a classificação utilizada. Na segunda metodologia, a participação dos setores de alta e média-alta tecnologia eleva-se bastante em relação à classificação internacional. Isso porque alguns setores importantes, que pela classificação internacional são considerados nos grupos de baixa ou média-baixa intensidade tecnológica, no Brasil realizam gastos relativos de P&D acima da média e são classificados como de alta ou média-alta intensidade tecnológica, como é o caso do setor de Refino de Petróleo.

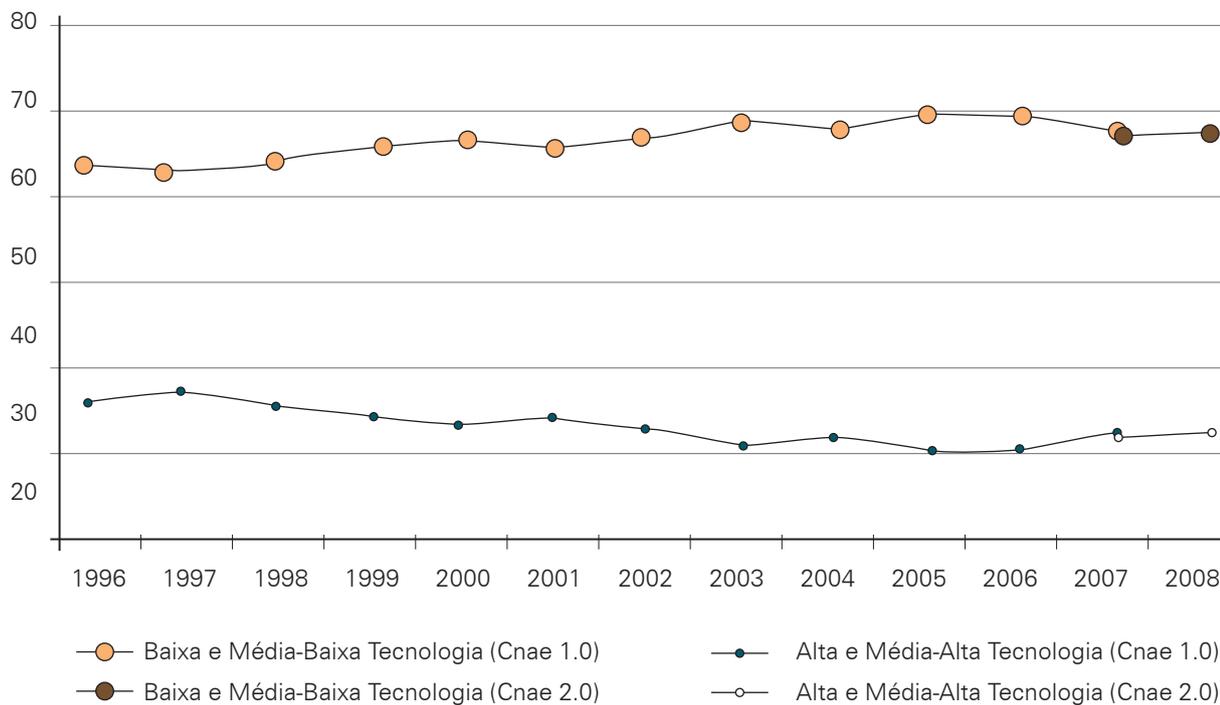
Mas não apenas o patamar é mais elevado, como também a evolução é diferente, uma vez que a tendência é de elevação da participação dos setores de alta e média-alta intensidade tecnológica (Gráfico 4).

Outro foco de contraste pode ser percebido quando se analisa e compara a evolução da produção física da indústria com as importações e o saldo comercial de produtos industriais. De fato, as importações vêm crescendo de maneira acelerada como foi analisado na primeira parte deste boletim, refletindo a aceleração da demanda interna, o câmbio valorizado e a intensificação da concorrência internacional devido à estagnação da

1 A partir de 2008, os dados da PIA (Pesquisa Industrial Anual) passaram a ser divulgados com a classificação CNAE 2.0, com dados referentes também a 2007, último ano de divulgação com a classificação CNAE 1.0. Dessa forma, observa-se uma descontinuidade nos Gráficos 3 e 4, na passagem de 2007 para 2008.

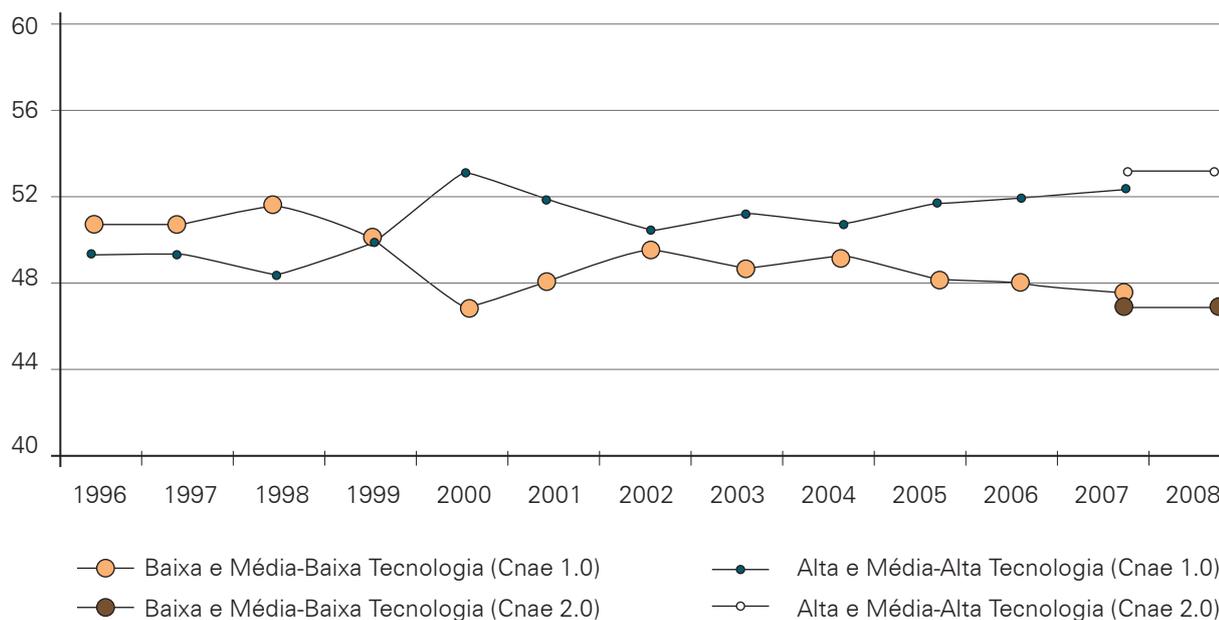
2 A metodologia utilizada foi semelhante à proposta pelo IBGE, na análise de resultados da Pesquisa Industrial Anual de 2003. Nessa análise, os gastos em P&D em relação à receita líquida, de acordo com a PINTEC 2000, foram ordenados e classificados em quartis para a classificação dos setores de alta, média-alta, média-baixa e baixa intensidade tecnológica. A diferença foi que neste trabalho foram utilizados os dados da PINTEC 2005.

Gráfico 3 - Evolução da Participação dos Setores de Alta e Média-Alta e Baixa e Média-Baixa Intensidade Tecnológica no Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação – Classificação OCDE (1996 a 2008) (em %)



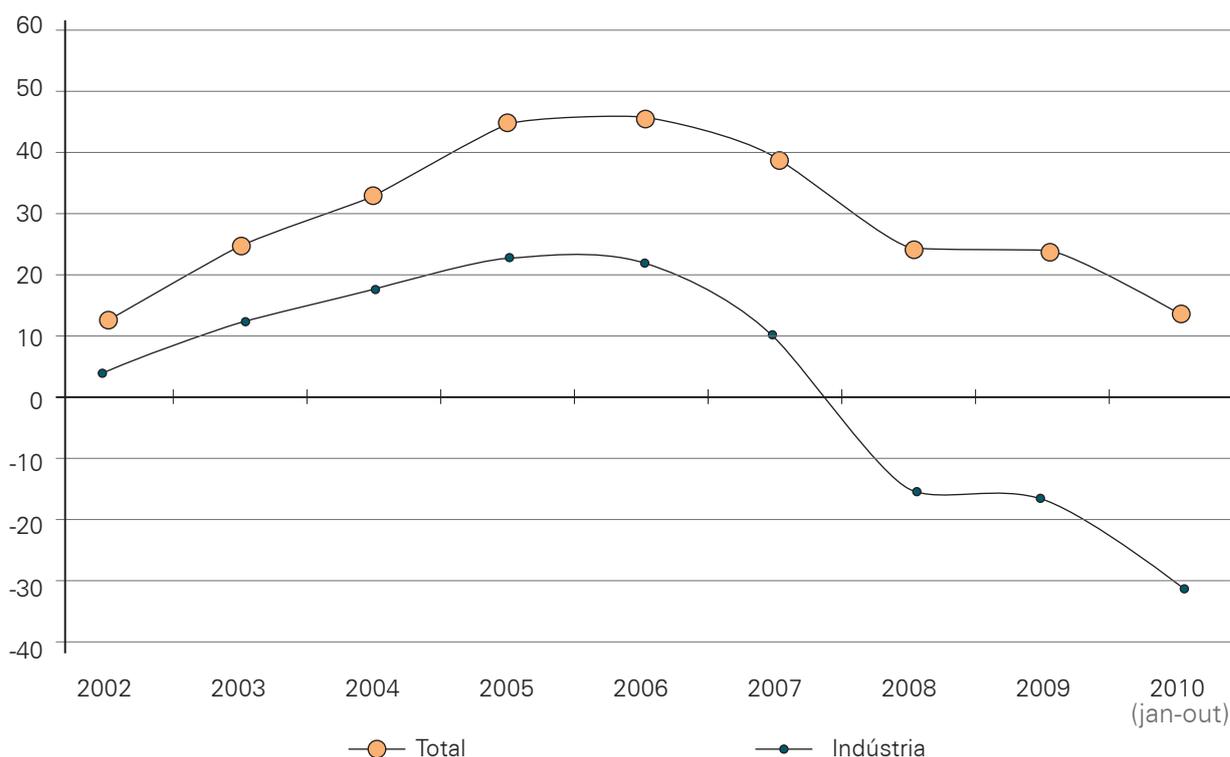
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIA/IBGE.

Gráfico 4 - Evolução da Participação dos Setores de Alta e Média-Alta e Baixa e Média-Baixa Intensidade Tecnológica no Valor da Transformação Industrial da Indústria de Transformação – Classificação IBGE (1996 a 2008) (em %)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIA/IBGE.

Gráfico 5 - Saldo Comercial Total e da Indústria
(2002 a jan-out/2010) (em US\$ bilhões)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados do MDIC.

demanda dos países desenvolvidos. Como pode ser visto no Gráfico 5, esse fato tem se refletido no surgimento de saldos comerciais negativos a partir de 2008, atingindo mais de US\$ 30 bilhões em 2010, apenas no período de janeiro a outubro.

Apesar da deterioração do saldo comercial, os dados de produção física mostram sinais de aceleração que se iniciam em 2004, mas que vão atingir taxas mais elevadas a partir de 2007. Interessante notar também que o setor de bens de capital foi a categoria que mostrou as maiores taxas de crescimento da produção física, em especial no período pré-crise. A crise internacional interrompeu esse processo de maneira brusca, mas a produção industrial vem retomando os níveis de produção pré-crise, apesar de um certo arrefecimento no terceiro trimestre de 2010.

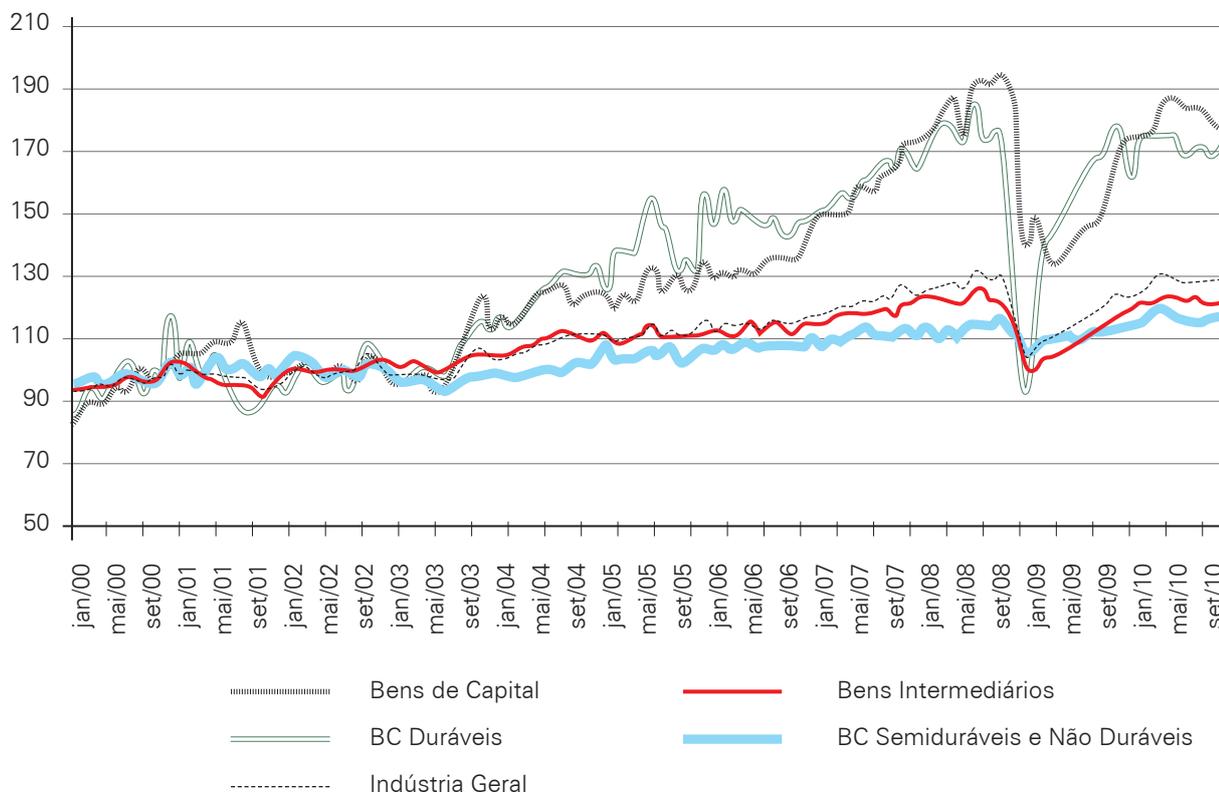
Ou seja, os poucos dados analisados neste documento mostram que é difícil tirar uma conclusão definitiva sobre a existência de um processo de desindustrialização em curso na economia brasileira. Isto porque apesar do aumento da participação de produtos primários na pauta de exportação, alavancada pelo bom desempenho de commodities agrícolas, minerais e metálicas no mercado internacional, as informações observadas pelo lado da

estrutura de produção mostram que a elevação da demanda interna conseguiu impulsionar a produção industrial. Se por um lado isso não se refletiu no aumento da participação da indústria no PIB, representou um aumento da participação do emprego industrial no total da economia.

Do ponto de vista dos setores dentro da indústria, é importante lembrar que, além da diferença observada quando se utilizam distintas classificações de intensidade tecnológica, o período mais recente de crescimento da produção física vinha apontando um desenvolvimento importante de setores mais intensivos em tecnologia, associados mais diretamente ao setor de bens de capital e bens de consumo duráveis. O crescimento relativamente maior desses segmentos, em especial dos bens de capital, vem ocorrendo também no período pós-crise, a despeito do crescimento mais acelerado das importações. Este aspecto, aliás, talvez seja o mais importante a ser destacado: o crescimento da produção industrial e das importações foi acompanhado pela elevação dos investimentos, medidos pela formação bruta de capital fixo em relação ao PIB³.

³ Ver os dados na primeira parte deste boletim.

Gráfico 6 - Evolução da Produção Física da Indústria por Categoria de Uso (jan/2000 a out/2010)
(número índice - base: média 2002 = 100)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados das Contas Nacionais/IBGE.

Até o momento, não é possível dizer que aconteceu um processo inequívoco de desindustrialização, em especial porque nos anos recentes os investimentos vinham aumentando em paralelo à produção industrial. E esses investimentos não estavam restritos apenas aos setores primários e de commodities, se espalhando por vários setores da indústria e de infraestrutura. Apesar de um período de interrupção devido aos efeitos da crise internacional, os investimentos dão mostras de que estão sendo retomados.

Para afastar de maneira permanente o risco de desindustrialização é necessário que os investimentos continuem aumentando de maneira sustentada, incorporando, além de tudo, mais investimentos voltados para mudanças estruturais na produção em direção a produtos e processos mais inovadores. Nesse sentido, a valorização cambial e o aumento excessivo das importações podem ser fatores de preocupação, especialmente a partir do momento em que começarem a afetar de maneira negativa as decisões de investimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fundação Centro de Estudos para o Comércio Exterior (FUNCEX). **Boletim de Comercio Exterior**.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Pesquisa Industrial Mensal – Produção Física (PIM-PF)**.

Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC). **Secretaria de Comércio Exterior (SECEX)**. Estatísticas de Comércio Exterior. Vários anos.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED)**.

Ministério do Trabalho e do Emprego (MTE). **Relatório Anual de Informações Sociais (RAIS)**, vários anos.

Organização das Nações Unidas (ONU). **United Nations Commodity Trade Statistics Database (Comtrade)**.

Projeto gráfico e Diagramação do miolo

Marina Proni

Projeto da capa

Marcos Barros

